

O triângulo geral de Locke e a consideração parcial de Berkeley

Bento Prado Neto

Universidade Federal de São Carlos

resumo São variadas as interpretações da crítica berkeleyana às idéias abstratas, mas elas costumam concordar na tese de que essa crítica gira em torno da natureza das “idéias”. Isto é, se “idéia” for o mesmo que “imagem”, então a abstração lockeana é impossível, caso contrário, não. Neste artigo eu procuro mostrar que essa crítica não depende de idéia ser ou não uma imagem e que Locke está parcialmente consciente do problema levantado por Berkeley.

palavras-chave Locke – Berkeley – abstração – idéia – geral – imagem

São variados os diagnósticos oferecidos pelos comentadores acerca da crítica de Berkeley à teoria lockeana da abstração, mas, de um modo geral, costuma-se fazer a questão da validade dessa crítica girar em torno de uma outra questão – a de saber se Locke é “imagista” ou não¹. A idéia básica que subtende os diversos diagnósticos é, portanto, a de que a crítica consiste em mostrar que idéias, sendo imagens, não podem ser separadas como a teoria lockeana da abstração pede que elas o sejam. O que eu gostaria de sustentar, aqui, é que a crítica se impõe *independentemente* de “idéia” ser ou não, para Locke, equivalente a “imagem”. Para ser mais preciso, essa crítica impõe-se a partir do vocabulário conceitual básico do *Ensaio* de Locke, isto é, a partir do chamado “composicionalismo” (a classificação das idéias em simples e complexas) – e, de certa forma, o próprio Locke tem consciência da dificuldade levantada por Berkeley.

Recebido em dezembro de 2004. Aceito em janeiro de 2005.

doisPontos, Curitiba, vol. 1, n. 2, p.97-110, jan/jun, 2005

Retomemos, rapidamente, a teoria lockeana da abstração. A primeira coisa que deve ser notada é que, no *Ensaio*, há duas séries distintas de textos que comentam a abstração: (i) de um lado, textos que apresentam a abstração como a *eliminação* de certas idéias simples de um conjunto mais amplo de idéias, isto é, como uma espécie de “mutilação” da idéia que serviu de base à abstração²; (ii) de outro lado, textos que caracterizam a “separação” abstrativa não como mutilação, mas como mera *separação*: isto é, o que é posto de lado não é uma parte do conteúdo da idéia a ser generalizada – ela não é “mutilada” –, o que é posto de lado é o seu “contexto”, i.e., as *outras* idéias que acompanham a idéia a ser generalizada³. A minha primeira observação, então, é a seguinte: é a segunda série que é fundamental. E que esta seja a série fundamental revela-se já pelo fato de que é ela que comparece quando se trata de *apresentar* “oficialmente” a operação de abstração. Mas também pela compreensão do modo de funcionamento dessa operação, que nos permite ver que a eliminação (no sentido de mutilação) de idéias que integram uma idéia complexa só explica como uma idéia torna-se *mais geral* e não a própria generalidade. Uma certa idéia complexa torna-se “mais geral”, quando são retiradas certas idéias que a compõem, na medida em que aumenta em princípio o número de coisas que podem corresponder a essa idéia – como em um concurso, em que a eliminação de certas exigências aumenta *em princípio*⁴ o número de candidatos habilitados. A simples eliminação, portanto, não explica a generalidade, mas antes a pressupõe: é só porque cada uma das exigências é, por si mesma e em princípio, “geral”, capaz de ser preenchida por mais de um candidato, que a eliminação de uma delas torna o concurso “mais abrangente”. Isso nos remete à outra série de textos: se uma idéia torna-se geral ao ser separada das outras, é que, nela mesma, ela é geral, e o primeiro texto a apresentar a abstração não apenas a caracteriza como consistindo em separar uma idéia das *outras* idéias, mas também como consistindo em considerar uma idéia nela mesma: “the mind makes the particular ideas received from particular objects to become general; which is done by considering them as they are in the mind such appearances, – separate from all other existences, and the circumstances of real existence”⁵ (Ensaio II, xi, 9 – LOCKE, 1980, p. 145). Esse trecho, aliás, é uma reformulação do seguinte trecho do Draft C, no qual isso fica ainda mais claro: “This is called

abstraction, which is nothing else but the considering any idea barely and precisely in itself stripped of all external existence and circumstances”⁶ (Locke *apud* AARON, 1971, p. 65). A abstração, assim, ao permitir considerar a idéia nela mesma, não faria mais do que atualizar a capacidade⁷ que essa idéia tem de representar mais de uma coisa, capacidade bloqueada pelo contexto (sobretudo espaço-temporal) em que a idéia foi recebida e que a endereça a uma existência individual (cf. *Ensaio*, II, xxvii, 3, LOCKE 1980, pp. 219/220). Desse modo, podemos encontrar, fundamentando a teoria lockeana da abstração, uma íntima solidariedade entre a análise composicionalista (que troca a idéia complexa nos miúdos das idéias simples) e a atividade abstrativa⁸: a análise composicionalista termina em idéias simples que são os elementos “mais gerais” (por cruzamento dos quais vamos obtendo idéias cada vez “menos gerais” – em princípio –, até finalmente incluirmos as idéias de espaço e tempo que fornecem o *principium individuationis* – cf. *Ensaio*, II, xxvii, 3 – LOCKE, 1980, p. 219-220); a abstração percorre as mesmas fraturas que a análise (mas dessa vez *separando* ali onde a análise apenas *distinguia*), para terminar novamente nas idéias simples, limite tanto para a análise quanto para a operação abstrativa (cf. *Ensaio*, III, iv, 16 – LOCKE, 1980, p. 263). Isso posto, examinemos a crítica de Berkeley.

Berkeley começa por negar que se possa abstrair no sentido lockeano: essa operação, diz-nos ele, equivale a separar *in mente* o que não pode existir separado *in re*. Ele confessa poder “abstrair” no sentido de imaginar como efetivamente separado o que, embora não estando de fato separado, pode no entanto existir separado – mas isso, diz ele, não torna nenhuma idéia geral (cf. *Principles*, Int., §10 – BERKELEY, 1941b, p. 242). Nos termos de Berkeley, então, Locke, com suas “idéias gerais abstratas”, procuraria realizar “no pensamento” um “quadrado redondo”, ainda que reconhecendo que ele é “na realidade” irrealizável. Mas, em primeiro lugar, podemos encontrar no *Ensaio* o reconhecimento, por Locke, de que só se pode separar na mente o que se acredita poder existir separado na realidade (cf. *Ensaio*, II, xiii, 11-13 – LOCKE, 1980, p. 151)⁹. Em segundo lugar, e mais fundamentalmente, a teoria lockeana, da maneira como a expusemos acima, simplesmente não poderia *pretender* separar “na mente” o que não pode existir separado “na realidade”, e por uma razão muito simples. Se um certo complexo de idéias não pode

existir separado de uma determinada idéia (se há inseparabilidade *in re*), operar essa separação *in mente* não pode aumentar o número de coisas que podem corresponder a essa idéia. Mas, se assim é, em que consiste a crítica? É que o raciocínio acima passou por cima de uma certa ambigüidade. Para tomar um exemplo: a cor vermelha do meu maço de cigarros, de um lado, é certamente separável (na mente e na realidade) da forma determinada desse maço e de qualquer outra forma determinada (ela não precisa existir vinculada a nenhuma dessas formas em especial), mas, por outro lado, essa cor não é separável de toda e qualquer forma (alguma forma ela tem que ter). O ponto de incidência da crítica seria, portanto, os casos em que uma idéia está necessariamente vinculada não a *uma* outra idéia, mas a um certo *típo* de idéias (sem estar necessariamente vinculada a uma delas em especial). E aqui entraria a questão do imagismo: se a idéia for uma imagem, não há como conceber tal separação, a menos que esta seja interpretada como mera “consideração parcial”. Na idéia complexa que inclui não só a cor do maço de cigarros mas também a sua forma particular, eu considero apenas a idéia da cor e desconsidero a idéia da forma particular (que no entanto está presente), obtendo assim a idéia geral daquela tonalidade de vermelho.

Todavia, pelo menos dois aspectos, um relativo ao próprio Berkeley, outro relativo a Locke, lançam uma luz estranha sobre esse diagnóstico. No que diz respeito a Berkeley, essa interpretação da “consideração parcial” que é extraída justamente das linhas dedicadas à idéia geral de triângulo parece dificilmente compatível com aquilo que Berkeley tem a nos dizer acerca dessa idéia, por exemplo aquilo que encontramos no *Commonplace Book*. De fato, essa interpretação suporia que uma idéia de triângulo fosse uma idéia complexa constituída pela idéia de “triangularidade” e pela idéia de eqüilateralidade (e também pela idéia de uma grandeza determinada, de uma cor etc.), para que o facho da consideração parcial pudesse focar apenas a primeira dessas idéias (embora todas estejam presentes à mente de alguma forma). Pode haver dúvidas com relação à análise final que Berkeley proporia para a idéia de triângulo, mas não com relação à inadequação do esquema acima descrito. É claro, sempre se pode responder que esse esquema vale para certas idéias, mas para outras não (assim como, para Locke, a idéia geral de cor não era obtida aplicando o procedimento-padrão que resultava na idéia geral de

vermelho – cf. *Ensaio*, III, iv, 16 – LOCKE, 1980, p. 263), e que a idéia geral de triângulo pode estar entre estas últimas; mas o fato é que o texto que sustenta¹⁰ essa idéia de “consideração parcial” é, como frisamos acima, justamente um texto que trata da idéia geral de triângulo. Assim, retomando, se a “inseparabilidade” for uma inseparabilidade *entre idéias*, a consideração parcial será a consideração de *uma idéia em detrimento de outra(s)* e, assim sendo, para obter a “idéia geral de triângulo” por meio de consideração parcial, será preciso haver a idéia de “triangularidade” como uma das idéias *componentes* de uma idéia particular de triângulo. Ora, como dissemos, essa análise não parece ser de modo algum sugerida pelo *Commonplace Book*, por exemplo. O texto, como se sabe, é um tanto indeciso a respeito da abstração e não se poderá extrair dele, sem mais, uma “teoria da generalidade”, muito menos uma teoria que se pudesse atribuir aos *Principles*, texto posterior. Mas resta que tudo aponta para *outras* direções. Por exemplo, uma idéia particular de triângulo parece por vezes ser composta, em pelo menos um sentido¹¹, por *minima sensibilia* e não pelas idéias de “triangularidade”, de equilateralidade etc.

Por outro lado, no que diz respeito a Locke, podemos encontrar um ponto de incidência da crítica no próprio vocabulário básico do *Ensaio*, o composicionalismo. Ali, de fato, a crítica poderia encontrar um endereço preciso: os *modos simples*. O que caracteriza, de fato, essa “categoria” de idéias? Elas são idéias complexas – isto é, elas não consistem em apenas *uma* idéia simples –, mas são complexos, diz-nos Locke, feitos *de uma única idéia simples* (cf., por exemplo, *Ensaio*, II, xii, 5; II, xiii, 1, II, xviii – LOCKE, 1980, p. 148-149, 174). Desde então Berkeley pode perfeitamente dizer que a abstração lockeana equivale a pretender “separar algo de si mesmo”¹². De fato, se nesse “complexo” que é o modo simples só há *uma* idéia simples, querer “eliminar” uma idéia, de modo a torná-lo mais geral, equivaleria a querer retirar a única idéia presente nesse complexo – o que esvaziaria inteiramente o complexo ou então redundaria em retirar uma idéia simples dela mesma. Esse ponto de incidência da crítica de Berkeley é, portanto, uma categoria do composicionalismo que é claramente problemática: um complexo feito de um só elemento. Mas não se deve pensar que essa categoria, porque se constitui em um problema para a classificação das idéias em simples e complexas, antes mesmo de entrar em jogo a teoria da abstração e da idéia geral, não pode ser tomada como

um problema *desta última*. Afinal, em que consistia o problema dos modos simples, isto é, da ambigüidade da classificação (idéias em parte simples, em parte complexas), senão na dificuldade de localizar o que é o mesmo e o que é o diferente em um certo grupo de idéias diferentes – ou seja, em localizar o que há de comum ou de geral em idéias diferentes? É o que sugere o caso exemplar da análise da idéia de vermelho¹³: por que detectar alguma forma de complexidade em uma tonalidade de vermelho senão pelo fato de que alguma identidade é pressentida em duas diferentes tonalidades desse “mesmo” vermelho? Que são os modos simples senão “variações do mesmo”, “modificações do mesmo”, “diferentes combinações de uma só idéia simples”? O fracasso da análise composicionalista que a categoria dos modos simples consagra é imediata e indissolavelmente um fracasso da teoria da abstração.

Em suma: o que esses dois aspectos nos sugerem é que a crítica de Berkeley não se movimenta no plano dos vínculos de inseparabilidade entre idéias distintas (plano que é descrito por Locke como pobre (cf. *Ensaio* IV, iii, 9ss. – LOCKE, 1980, p. 315ss.) e por Berkeley como inexistente¹⁴ – o que, por si só, já testemunharia contra essa interpretação), mas, pelo contrário, visa ao próprio modo pelo qual a análise das idéias deve ser levada a cabo. É assim, creio, que se deve ler a seguinte observação: “All ideas come from without. They are all particular. The mind, ‘tis true, can consider one thing without another; but then, considered asunder, they make no 2 ideas. Both together can make but one, as for instance colour & visible extension”¹⁵ (observação 330 – BERKELEY, 1941a, p. 84). A impossibilidade da abstração lockeana não nos remete a conexões necessárias entre determinadas idéias, distintas entre si, cujas identidades e diferenças, reveladas pela análise, guiariam nossa faculdade de generalização (por meio do facho da consideração parcial, ao invés da separação abstrativa de Locke), mas, pelo contrário, aponta para a distância entre a atividade de análise e a atividade de generalização, distância que a teoria lockeana procurava abolir ao exigir, para cada par de idéias semelhantes, a distinção entre idéias constituintes comuns a ambas e idéias constituintes não compartilhadas. Por certo, sempre se pode entender a observação de Berkeley que acabamos de comentar como simplesmente enunciando a inseparabilidade das duas idéias constituintes (a compartilhada e a não-compartilhada), como apenas enunciando que

“nem tudo que é percebido é efetivamente considerado” (*Principles, Int.*, §16 – BERKELEY, 1941b, p. 409). No entanto, resta que o *Commonplace Book* oferece uma versão alternativa para a idéia de “composição” (que abordaremos agora) que claramente procura passar ao largo desse esquema que localiza o traço comum (o alvo da “consideração parcial”) em um constituinte da idéia, inseparável mas distinto dos outros constituintes.

Lembremos que o campo que eu apontei como estando imediatamente exposto à crítica de Berkeley – os modos simples – constitui um duplo e solidário fracasso: fracasso da análise das idéias em simples e complexas (um complexo de idéias feito de uma só idéia) e um fracasso da teoria da abstração (havendo uma única idéia simples em jogo não há o que “separar”, mas, como há ainda complexidade/diversidade, a separação impõe-se ainda como necessária). Ora, é justamente da tematização dessa categoria lockeana de idéias que surgirá algo como um “outro sentido” de composição. Que se veja a observação 530 do *Commonplace Book*, que retoma os resultados de uma longa discussão acerca da simplicidade das idéias de azul, amarelo e verde (cf. as observações 95, 153-155, 491, 499, 505-508, 530, 567, 672, 674, 733 – BERKELEY, 1941a, p. 64, 68, 17, 18, 19, 21, 25-26, 35, 36, 42): “Locke says the modes of simple ideas, besides extension and number, are counted by degrees. I deny there are any modes or degrees of simple ideas. What he terms such are complex ideas, as I have proved in Green”¹⁶. O que Berkeley está a negar é justamente a existência da categoria dos modos simples: o que parece ser um “modo simples” é, na verdade, uma idéia complexa. Em que consistiu a “prova com o verde”? Como veremos, em mostrar que a cor verde, embora não seja constituída por idéias distinguíveis, é de certo modo “complexa”, mas em um novo sentido de “complexidade”, em que os elementos que a compõem não são “ingredientes” que possam ser encontrados nela, em uma complexidade que consiste no fato de haver uma “dupla” relação do verde, com o azul e com o amarelo (observação 506 – BERKELEY, 1941a, p. 19). Mas o que está em jogo nisso tudo? Note-se, em primeiro lugar, que essa “prova” do caráter composto da idéia de verde vem logo após Berkeley notar uma dificuldade relativa às idéias abstratas de cores (observação 499 – BERKELEY, 1941a, p. 18). Essa observação (a 499), que afirma que o caso das idéias de cores “não é tão fácil quanto com gostos e sons”, vem logo após a 498, que, abandonando

qualquer semelhança entre idéias simples, reconhece no entanto que elas podem “estar conectadas com uma e mesma terceira idéia simples ou ser introduzidas por um e mesmo sentido”. A primeira dessas evocações leva-nos à interpretação que estamos combatendo: o que permitiria “unificar” sob uma mesma idéia geral as duas idéias simples distintas seria o fato de estarem conectadas a uma terceira, comum, que poderia ser o alvo da consideração parcial. Por outro lado, a segunda evocação (as idéias, embora perfeitamente diferentes entre si, têm em comum serem introduzidas por um e mesmo sentido) remete-nos ao artifício lockeano para dar conta da idéia geral de cor (cf. *Ensaio*, III, iv, 16 – LOCKE, 1980, p. 263). Ora, é justamente isso que “não é tão fácil” com relação às cores: não há como selecionar apenas as diferentes tonalidades de verde por meio da referência a uma terceira idéia ou a um sentido determinado (isso pode funcionar para a idéia geral de cor, mas não para uma sua sub-região). Portanto, é exatamente o mecanismo da “consideração parcial” entendido como seleção de constituintes parciais que é descrito por Berkeley como insuficiente para dar conta daquilo que Locke chama de “modos simples”. Assim, o caráter composto da idéia de verde parece dever dar conta da idéia geral de verde: se cada tonalidade de verde fosse absolutamente simples não poderiam ter nada em comum¹⁷. Mas, por outro lado, não se trata de dizer que há uma idéia presente em todas as tonalidades de verde – que permitiria, ao ser considerada exclusivamente, a idéia geral de verde – à qual se acrescenta, em cada tonalidade, uma idéia que “particularizaria” a idéia comum. Então, se os elementos que compõem a idéia particular de verde e que permitirão a formação da idéia geral de verde não são “separáveis”, eles também não serão “distinguíveis”: “Simple Ideas, viz. colours, are not devoid of all sort of composition, tho’ it must be granted they are not made up of distinguishable ideas. Yet there is another sort of composition. Men are wont to call those things compounded in which we do not actually discover the component ingredients. Bodies are said to be compounded of chymical principles, which, nevertheless, come not into view till after the dissolution of the bodies – w^{ch} were not, could not be discerned in the bodies whilst remaining entire” (observação 674 – BERKELEY, 1941a, p. 36). Salvo engano, então, o que fará das diversas tonalidades de verde exatamente isso, a saber, tonalidades *de verde*, será a possibilidade de

inscrevê-las em uma série que se origina com as idéias de azul e amarelo (por exemplo, em um xadrez azul e amarelo cujas malhas vão diminuindo progressivamente – cf. observações 505-507 – BERKELEY, 1941a, p. 19) e não algum tipo de constituinte que pudesse realmente ser discernido nessas idéias. Não se pode afirmar que Berkeley tenha mantido essa idéia de um “duplo sentido de composição”, mas isso não nos é necessário: basta-nos ter mostrado, na própria reflexão de Berkeley, a percepção dos vínculos entre a questão da abstração e a da análise de uma idéia em seus constituintes.

Por fim, creio que se pode dizer que Locke tinha consciência dessa dificuldade (que ele tivesse ao menos uma consciência parcial desse problema é o que se impõe se nossa tese acerca do sentido dos *modos simples* for correta) e que é nesse sentido que se deve ler o famoso trecho do “triângulo geral” (*Ensaio*, IV, 7, 9 – LOCKE, 1980, p. 338-339) que ensejou o *killing blow* de Berkeley (observação 699 – BERKELEY, 1941a, p. 38). Nesse trecho, Locke afirma que a idéia geral abstrata de triângulo, sendo ao mesmo tempo isósceles, escaleno etc. e – também ao mesmo tempo – nenhuma dessas coisas, é algo difícil, algo que não pode existir etc. Normalmente se diz que esse trecho é tão-somente uma infelicidade retórica e que sua teoria da abstração não merece ser julgada por um texto que não pretende apresentá-la, que pretende apenas ressaltar o caráter adquirido – arduamente adquirido – das idéias gerais. Mas notem o exemplo escolhido. Normalmente, quando se trata de desfazer ilusões acerca de idéias (como se trata nesse trecho), os exemplos escolhidos são, via de regra, os de “ouro” e de “homem” – e a escolha desta última idéia como exemplo impõe-se, diz-nos o *Ensaio* em III, iii, 14 (LOCKE, 1980, p. 258), por ser a que nos é mais familiar, aquela com que travamos o mais íntimo conhecimento. Por que a mudança? Porque os problemas da abstração se constituem nos *modos simples*. Quando tomamos a idéia geral de homem (que não é alto nem baixo, e é os dois ao mesmo tempo etc.), ela certamente traz as mesmas dificuldades da idéia geral de triângulo: mas, justamente, essas dificuldades da abstração são todas elas dificuldades dos “modos simples” que entram na constituição da idéia complexa de homem. E se a apresentação da abstração como consistindo não apenas na eliminação dos traços distintivos, mas também na sua conservação (o “*all and none*”) sempre foi vista como um pequeno despropósito de Locke¹⁸

que não condiz com o corpo da teoria, é que se deixou de considerar que, *no caso dos modos simples*, estamos para além dos limites em que a teoria (ou a análise composicionalista) funciona, em um terreno em que, se alguma idéia for conservada, *todas sê-lo-ão*, uma vez que todas são compostas da *mesma* idéia simples. As dificuldades da abstração, portanto, são já dificuldades da análise composicionalista, dificuldades estocadas sob a rubrica “modos simples”. Não à toa, esse comentário das dificuldades da abstração responde ao comentário das dificuldades de proceder à análise que leva às idéias simples e o “does it not require pains and skill to form the general Idea of a triangle [...]” que introduz o célebre trecho do “triângulo geral” eoa o último parágrafo de II, XIII (*Ensaio*, II, xiii, 28 – LOCKE, 1980, p. 155), que encerra o exame das idéias de espaço notando algumas peculiaridades dos modos simples: “it requires pains and assiduity to examine its ideas, till it resolves them into those clear and distinct simple ones”.

¹ Vejam-se, por exemplo, dentre os comentadores de Locke, Mackie (1976) e Ayers (1981). Há sempre, é claro, exceções; veja-se, por exemplo, Winkler (1991), que nega explicitamente a relevância da questão do imagismo (mas essa recusa parece ser o único ponto de confluência entre os comentários de Winkler e as observações que seguem).

² É a série mais longa e inclui a maioria dos textos em que o tema das idéias gerais/abstratas comparece. Para dar apenas um exemplo, cf. *Ensaio*, III, iii, 8ss. (LOCKE, 1980, p. 255ss.).

³ É a série mais curta, restringindo-se praticamente a três ocorrências no *Ensaio*: II, xi, 9; II, xii, 1 e III, iii, 6 (LOCKE, 1980, p. 145, 147, 255).

⁴ Mas talvez não *de fato*: o aumento efetivo depende da existência de candidatos que não possuam a exigência eliminada mas possuam as outras, que foram mantidas. Acerca desse aumento “em princípio” da generalidade por meio da abstração, veja-se *Ensaio*, III, vi, 1 (LOCKE, 1980, p. 268): “The common names of substances [...] stands for *sorts*: which is nothing else but the being made signs of such complex ideas wherein several particular substances do or might agree. I say do or might agree: for though there be but one sun existing in the world, yet the idea of it being abstracted, so that more substances (if there were several) might each agree in it, it is as much a sort as if there were as many suns as there are stars” (“Os nomes comuns das substâncias [...] representam *tipos*: o que nada mais é que o ser transformado em sinais dessas idéias complexas em que várias substâncias particulares concordam ou poderiam concordar. Eu digo concordam ou poderiam concordar: pois, embora somente um sol exista no mundo, ainda assim, sua idéia sendo abstraída, de modo tal que mais substâncias (se houvesse diversas) poderiam cada uma concordar com ela, ela é tanto um tipo quanto se houvesse tantos sóis como há estrelas” – nota do revisor).

⁵ “A mente faz as idéias particulares recebidas dos objetos particulares tornarem-se gerais; isso é feito considerando-as como elas estão na mente tais aparências – separadas de todas as outras existências e circunstâncias da existência real” (N. R.).

⁶ “Isso é chamado abstração, que não é nada além do que considerar qualquer idéia estrita e precisamente em si mesma, despida de todas as existências e circunstâncias externas” (N. R.).

⁷ Um texto do *Draft B* acentua essa capacidade representativa (ainda que, por motivos que não examinaremos, restringindo-se às idéias simples), como anterior mesmo à operação de abstração: é *porque* uma idéia simples, a de azul, por exemplo, “concorda com e representa todas as qualidades desse tipo seja lá onde existam” que “ela pode ser considerada como uma Idéia Específica” (cf. LOCKE, 1990, p. 159-160).

⁸ Cumplicidade confirmada não apenas pela “análise interna” do *Ensaio* como também pelo acompanhamento da gênese que os *Drafts A e B* franqueiam-nos. Cf., a esse respeito, Ferraz Neto (1996).

⁹ Mackie vale-se desse texto para sustentar que, para Locke, “abstrair” é o mesmo que “considerar parcialmente”; no entanto, esse texto *distingue* a “consideração parcial” da separação, que é o termo utilizado em todas as apresentações da abstração (cf. MACKIE, 1976).

¹⁰ Pelo menos duas observações presentes no *Commonplace Book* dariam apoio a essa leitura independentemente da referência ao triângulo do §16 dos *Principles*: a 486 e a 498 (BERKELEY, 1941a, p. 17-18); mas veremos que esse apoio será sustado pelas observações seguintes à 498, que apontarão a dificuldade de utilizar esse esquema para dar conta das idéias de cores.

¹¹ Veremos, a seguir, que Berkeley ensaia uma distinção entre “dois sentidos de ‘composição’”.

¹² “For my part, I might as easily divide a thing from itself” (“Para mim, isso seria tão fácil quanto separar algo de si mesmo” – N. R.) (cf. *Principles*, §5 – BERKELEY, 1941b, p. 260).

¹³ Michael Ayers vê a postura de Locke a respeito de palavras como “vermelho” como sendo de “irresoluta ambivalência” (AYERS, 1981, p. 19). Às vezes, Locke sustentaria que “palavras como ‘vermelho’ não nomeiam, propriamente falando, idéias simples, mas enfeixam, em uma convenção frouxa, um largo número de precisas e distintas tonalidades, as verdadeiras idéias simples” (*ibidem*); outras vezes, Locke despreveria, de modo alternativo, as tonalidades do vermelho como “diferentes graus” de uma mesma idéia simples. Tal ambivalência revelar-se-ia na contraposição de dois textos: II, iii, 2 (LOCKE, 1980, p. 129) e II, xviii, 4-6 (*idem*, p. 174). Neste último, Locke diz-nos que os modos de cores são vários: “alguns nós notamos como os diferentes graus ou, como se diz, tonalidades da mesma cor” (*Ensaio*, II, xviii, 4 – LOCKE, 1980, p. 174). Por essa descrição, nenhum exemplar da cor vermelha é uma idéia simples, mas sim uma idéia que já possui alguma complexidade. Se ela não possui “partes” como as idéias de espaço, ela possui “graus” e pode-se, portanto, considerar a “igualdade ou excesso da mesma idéia simples” (cf. *Ensaio*, II, xxviii, 1 – LOCKE, 1980, p. 228) em dois objetos diferentes dizendo que tal ou qual é “mais vermelho” que o outro. Assim sendo, ao nome “vermelho” corresponderia a idéia simples – e geral – de vermelho, presente em todas as tonalidades de vermelho, em maior ou menor grau.

Mas Ayers vê no outro texto, em II, iii, 2 (LOCKE, 1980, p. 129), uma descrição *alternativa* (AYERS, 1981, p. 20), desta feita mais “nominalista”. Ali, Locke nota que “poucas idéias

simples têm nomes”, de modo que acabamos aplicando um mesmo nome a idéias simples bem diferentes. Assim, por exemplo, “doce, amargo, azedo, acre e salgado são praticamente todos os epítetos que possuímos para denominar essa inumerável variedade de sabores [...]. O mesmo pode ser dito das cores e dos sons”. Segundo a leitura de Ayers, resultaria desse texto que à palavra “vermelho” não corresponderia, não poderia corresponder uma idéia geral, mas sim uma variada gama de idéias simples de tonalidades distintas entre si. Contudo, não há necessidade de ler esse texto como o faz Ayers, em contradição ou em divergência com o anterior. Com efeito, há pelo menos duas maneiras de lê-lo de modo que ele se alinhe perfeitamente com os parágrafos de II, xviii (LOCKE, 1980, p. 174-175). De um lado, pode-se pensar que as idéias simples de cores, que são, de maneira equívoca, enfeixadas por um mesmo nome, são idéias que, elas mesmas, podem espriar-se em diferentes tonalidades. Assim, ao mesmo tempo em que haveria uma idéia geral de vermelho, presente, em diferentes graus, nas várias tonalidades de vermelho, haveria também um uso equívoco da palavra, na medida em que ela se aplicasse a cores diferentes do vermelho – à cor vinho, por exemplo. Por outro lado, pode-se pensar que Locke não está aqui a dizer senão o que ele dirá em II, xviii, 6 (*idem*, p. 174) ao notar que “alguns modos simples não possuem nome”: “em geral pode-se observar que os modos simples que são considerados apenas como diferentes *graus* da mesma idéia simples, embora sejam em si mesmos idéias realmente distintas, não têm no entanto nomes distintos”. Nessa leitura, o uso equívoco da palavra “vermelho” radica realmente na diversidade de tonalidades – mas essas tonalidades não são, como quer Ayers, “as verdadeiras idéias simples”, mas sim “distintos modos simples” da mesma idéia simples. O equívoco residiria, portanto, em usar para os diferentes modos uma palavra a cuja unidade só corresponde de fato a unidade da mesma idéia *realmente* simples de vermelho, neles presente, todavia, em graus diferentes. Resumindo: em II, iii, 2 (*idem*, p. 129) nada indica que Locke se refira às “verdadeiras” idéias simples e não, mais simplesmente, às idéias simples e seus modos, também simples.

¹⁴ Veja-se, a esse respeito, Beardsley (1991, p. 125-126), que nos remete à observação 896 (BERKELEY, 1941a, p. 58) e à seção 31 dos *Principles* (BERKELEY, 1941b, p. 273-274). Sempre se pode argumentar, é claro, que o que Berkeley nega, nesses trechos, é a coexistência necessária de duas idéias precisas e não a necessária coexistência entre *tipos* de idéias (a “idéia particular de cor” exigindo sempre uma “idéia particular de extensão”). Mas se assim for, Berkeley poderia ter mencionado o fato (como Locke não se furta a fazer).

¹⁵ “Todas as idéias vêm de fora. Todas elas são particulares. A mente, isso é verdade, pode considerar uma coisa sem outra; mas, então, consideradas separadamente, elas não fazem duas idéias. Ambas, juntas, podem fazer somente uma, como, por exemplo, a cor e a extensão visível” (N. R.).

¹⁶ “Locke afirma que os modos das idéias simples, ao lado da extensão e do número, são contados por graus. Eu nego que haja modos ou graus das idéias simples. O que ele assim denomina são, na verdade, idéias complexas, como eu provei com o Verde” (N. R.). Cf. observação 530 (BERKELEY, 1941a, p. 21); essa edição omite a referência final (“*in Green*”).

¹⁷ É isso que levava Locke a aplicar a categoria “modo simples” às cores. A alternativa seria encontrar uma semelhança sem constituinte comum, alternativa evocada na observação 496 (BERKELEY, 1941a, p. 17), mas rejeitada em uma observação marginal. Essa observação marginal (“This I do not altogether approve of”) já foi lida como se Berkeley com ela negasse

a possibilidade de uma idéia geral que represente idéias com as quais ela não partilha nenhum constituinte, mas parece claro que o alvo não é a idéia de generalidade, mas a de semelhança. Cf. um pouco abaixo.

¹⁸Veja-se, por exemplo, Husserl (1969, p. 157), em que a inclusão do “*all*” é descrita como um “lapso passageiro”.

Referências bibliográficas

AARON, R. I. 1971. *John Locke*. Oxford: Oxford University.

AYERS, M. 1981. Locke's doctrine of Abstraction: Some Aspects of its Historical and Philosophical Significance. In: BRANDT, R. (ed.). *John Locke – Symposium Wolfenbüttel 1979*. New York: W. Gruyter.

BEARDSLEY, M. 1991. Berkeley on “Abstract Ideas”. In: CREERY, W. E. (ed.). *George Berkeley: Critical Assessments*. V. II: Qualities, General Ideas and Perception. London: Routledge.

BERKELEY, G. 1941a. Commonplace Book. In: _____. *The Works of George Berkeley*. V. 1. Ed. by A. C. Fraser. Oxford: Clarendon.

_____. 1941b. *A Treatise Concerning the Principles of Human Knowledge*. In: _____. *The Works of George Berkeley*. V. 1. Ed. by A. C. Fraser. Oxford: Clarendon.

_____. 1941c. Alciphron, or the Minute Philosopher. In: _____. *The Works of George Berkeley*. V. 1. Ed. by A. C. Fraser. Oxford: Clarendon.

HUSSERL, E. 1969. *Recherches logiques*. Tome 2: Recherches pour la phénoménologie et la théorie de la connaissance. 1^{ère} partie: Recherches I et II. Paris: PUF.

LOCKE, J. 1980. *An Essay Concerning Human Understanding*. Coll. “Great Books of the Western World”, v. 35. 23rd ed. Chicago: W. Benton.

_____. 1990. *Drafts for the “Essay concerning Human Understanding” and Other Philosophical Writings*. V. 1: Drafts A and B. Ed. by Peter H. Nidditch and G. A. J. Rogers. Oxford: Clarendon.

MACKIE, J. L. 1976. *Problems from Locke*. Oxford: Clarendon.

FERRAZ NETO, B. P. A. 1996. *Estrutura e gênese da teoria lockeana da abstração*. São Paulo. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade de São Paulo.

WINKLER, K. P. 1991. Berkeley on Abstract Ideas. *In*: CREERY, W. E. (ed.). *George Berkeley: Critical Assessments*. V. II: Qualities, General Ideas and Perception. London: Routledge.